

SEXTA-FEIRA SANTA
TEXTO: ISAÍAS 52.12-53

1. Contexto litúrgico

A Sexta-Feira Santa é um dia diferente para nós todos. Por um lado, somos confrontados com o Cristo tão desfigurado, que nem parecia um ser humano. Mas por outro, somos renovados com as próprias palavras do Crucificado: “Está consumado!” Essas palavras são a chave para interpretarmos os eventos desse dia: Cristo absorveu todo o nosso castigo e nos deu a sua inocência; ele foi declarado culpado de tudo e nós, por causa dele, fomos declarados inocentes de tudo.

O que torna esse dia ainda mais especial é o fato de que Jesus Cristo fez todo esse sacrifício voluntariamente, segundo a vontade do Pai e com a assistência do Espírito Santo. Ele fez tudo isso “por nós e por nossa salvação”.

2. O que ele fez é inacreditável

Os textos bíblicos desse dia descrevem o que significa, em termos concretos, assumir o lugar do pecador.

O Salmo 22 prevê abandono e desamparo de Deus para esse substituto: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (v.1); a previsão é de que ele também seja desprezado pela humanidade e se veja como um verme, “opróbrio dos homens e desprezado do povo” (v.6); Além disso, ele também terá de suportar “fortes touros de Basã” (v.12), uma “súcia de malfeitores” à sua volta (v. 16) e os seus próprios ossos olhando e o encarando (v. 17).

Isaías 52.13-53.12 realça também que ele é “homem de dores e que sabe o que é padecer” (v. 3). O que, no entanto, fica ainda mais evidente é que, ao assumir esse caminho, o Servo se coloca debaixo do castigo e da punição de “nós todos” (v. 6). Ao fazer essa aliança com os pecadores, ele se compromete a dar sua alma como oferta pelo pecado, se voluntaria a ser contado com os transgressores e se compromete a derramar “a sua alma na morte” (v. 12) em favor deles.

Hebreus nos diz que ele foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (4.15). Nesse propósito de substituir o pecador, ele se comprometeu a sofrer tudo o que um pecador sofre, sendo, no entanto, inocente em

tudo e, “embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (5.8). Com isso, ele se tornou o “Autor da salvação”.

O Evangelho de João descreve como esse Servo cumpriu tudo o que estava previsto. Ele aceitou beber o “cálice que o Pai” lhe deu (18.11) e, depois de interrogado, mandaram açoitá-lo e o coroaram com espinhos. No fim, ele próprio, “carregando a sua cruz”, seguiu para o Calvário (19.17). Depois de tudo ter sido cumprido, ele disse: “está consumado!”

3. Destaques do texto de Isaías

A profecia de Isaías acerca do servo que troca de lugar com os pecadores se dá em meio ao anúncio de que os cativos “serão resgatados” (52.3) e de que chegou a hora de Jerusalém sacudir “a poeira” e livrar-se das “correntes de seu pescoço” (52.2). Mais do que isso, entretanto, esse servo vai fazer com que o Senhor seja conhecido como aquele que diz: “Eis-me aqui” (52.6). Ele será a própria revelação do “braço do Senhor” (53.1) e agirá em favor “de todos nós” (53.8), fazendo prosperar “a vontade do Senhor” (53.10).

a) O braço do Senhor

No contexto dessa profecia o “braço do Senhor” tem características peculiares. Ele é “santo” (52.10) e “foi subindo como um renovo”, revelando-se à vista de todas as nações. No que se refere à sua aparência, ele não tinha “formosura”, nem “beleza” que agradasse alguém (53.2). No que se refere à sua presença entre as pessoas, ele “era desprezado e o mais rejeitado entre os homens” (53.3).

O contraste marcante na profecia é o fato de que o braço do Senhor todo-poderoso se manifesta nesse servo desprezível e “fraco”, sendo que há evidências de que sua missão é ainda maior do que aquela executada no Egito. O “braço do Senhor” traz consigo libertação, que nesse contexto é descrita como “a salvação do nosso Deus” que será vista por “todos os confins da terra” (52.10). O que se exige desse braço é que enfrente os inimigos e cumpra o que o Senhor promete em favor do seu povo: “Eis que eu tomo da tua mão o cálice de atordoamento, o cálice da minha ira; jamais dele beberás; pô-lo-ei nas mãos dos que te atormentaram” (51.22).

b) Em favor “de todos nós”

De forma surpreendente, a profecia acerca desse “braço do Senhor” é descrita como tendo relação direta com a nossa realidade e se caracteriza por ser uma relação substitutiva, ou seja, ele se coloca em nosso lugar. O que se vê nesse relato é que ele realmente “tomou” o cálice de ira do Senhor que estava sobre todos nós.

A ação desse servo é dupla. Primeiro, Ele tomou e levou sobre si “as nossas enfermidades e as nossas dores” (53.4) e, depois, ele próprio foi traspassado e moído pelas “nossas transgressões” e pelas “nossas iniquidades”, sendo que o “castigo que nos traz a paz estava sobre ele” (53.5). Era de se esperar que o cálice da ira fosse dado aos inimigos, entretanto, o Senhor “fez cair sobre ele” – o seu braço – “a iniquidade de todos nós” (53.6). O Senhor resolve a ira por causa dos pecados de todos no seu próprio “braço”, “fazendo-o enfermar” (53.10) e, assim, promove a saída do cativo e da escravidão, declarando-nos inocentes e amigos dele.

c) “A vontade do Senhor”

A profecia ainda destaca que “a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos” (53.10). Como resultado do “penoso trabalho de sua alma”, o Servo - o Justo “justificará a muitos” (53.11).

O que deve trazer alívio a todos é que “ao Senhor agradou moê-lo” (53.10). Todo o sacrifício do Servo do Senhor não é acidental, nem tampouco aleatório. Ele acontece em conformidade com a vontade do Senhor e com o consentimento do seu “braço”, o qual como “cordeiro levado ao matadouro”, não “abriu a boca” (53.7). O próprio Senhor indica que essa “oferta pelo pecado” será frutífera e que, depois de consumada, o Servo sacrificado viverá muitos dias e “repartirá os despojos” (53.12).

Reflexões homiléticas: O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele

Deus não espera que paguemos por nossos pecados, nem tampouco deseja que purifiquemos nossas vidas através do sofrimento. Ele deu o seu Filho para “justificar a muitos” (Is 53.11).

Com frequência, enfermidades e dores são consideradas punições para faltas do passado. A ideia de retribuição está naturalmente presente nas mentes de muitos e,

não apenas aquele que sofre pode erroneamente considerar-se merecedor do castigo, mas pessoas à sua volta também podem sugerir que ele deve aceitar a dor com meio de purificação para os seus pecados. O Senhor, entretanto, assume o lugar do culpado e sofre o castigo por ele. Como sempre, Ele permanece sendo o Deus que age em favor de sua criação. O Profeta Isaías retrata o Servo Sofredor que toma sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores como nosso substituto.

Na nossa vivência diária vemos muitos exemplos de pessoas que gostariam de trocar de lugar com outras diante do sofrimento: uma mãe faria de tudo para se colocar no lugar do seu amado filho que está no hospital; um pai daria tudo para estar no lugar do filho jovem que sofreu um acidente. É possível, pelo menos em parte, compreender o que significa se colocar no lugar do outro. Por outro lado, é importante perceber que há situações em que esse desejo de se colocar no lugar do outro continua sendo apenas um desejo. Nós não temos o poder de substituir nossos amados, nem conseguimos trocar de lugar com eles, por mais que desejemos isso. O Servo Sofredor, por sua vez, realizou algo que vai muito além de qualquer coisa já vista nesse mundo. Ele realmente tomou nosso lugar e assumiu nossas vidas nesse mundo enfermo e dolorido.

A Escritura Sagrada nos revela nesse dia que o próprio “braço do Senhor” absorveu todo o nosso castigo e nos deu a sua inocência; ele foi declarado culpado de tudo e nós, por causa dele, fomos declarados inocentes de tudo. Ao ser crucificado, o Filho único de Deus tomou o cálice da ira e nos livrou do cativeiro. O sermão desse dia poderia ter a seguinte disposição:

1) A Deus agradou

- a. Sacrificar Jesus – o “braço do Senhor” - por nós
- b. Para nos dar a paz e nos sarar dos pecados

ou:

2) O Servo viveu nossa realidade

- a. Assumiu as enfermidade e dores do mundo, sendo castigado por nós
- b. E fez prosperar a vontade do Senhor, de “justificar muitos”.

Pastor Clécio Leocir Schadech